

CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS

Ana de Castro Osorio



**A Influencia
da Mãe
na Raça Portuguesa**

Oferecido á COMISSÃO DE ASSISTENCIA INFANTIL

PELA COMISSÃO ORGANISADORA
DA «MATINÉE PATRIOTICA» NO
TEATRO DA TRINDADE.
4 DE JUNHO DE 1915

Qualquer donativo é aceite
em troca deste folheto.

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
L I S B O A

1.010.427

ao senhor João de
Brito, velho camarada
de luta pelo triunfo da verdade
e da justiça
of.

A Influencia da Mãe

na Raça Portuguesa

Actuario

6-8-1910

no more

CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS

Ana de Castro Osorio

A Influencia da Mãe
na Raça Portuguesa

Oferecido á COMISSÃO DE ASSISTENCIA INFANTIL

PELA COMISSÃO ORGANISADORA
DA «MATINÉE PATRIÓTICA» NO
TEATRO DA TRINDADE.
4 DE JUNHO DE 1915

PAPELARIA E TIPOGRAFIA LIBERTY
LAMAS & FRANKLIN
Suc. FRANCISCO LAMAS
R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA
1916

A. J. ...
...

...

...



R/0244 OSO INF RF

A Influencia da Mãe na Raça Portuguesa

A Obra Maternal, a grande obra de assistência infantil que é urgente se faça no nosso país, deve ser verdadeiramente a obra da mulher portuguesa, dessa mulher tão admiravelmente maternal, tão apaixonadamente mãe, que a sua vida affectiva de amorosa não poucas vezes é prejudicada pelo exclusivo do seu amor aos filhos.

E como tudo na Natureza tem o seu fim e a sua explicação logica, é sem duvida a essa dedicação extraordinaria da mãe, que Portugal deve o poder existir e manter-se, com a mesma continuidade historica, atravez de oito seculos de existencia de lutas e dum tão grande desdobramento da sua personalidade colectiva, que outro povo o não teve ainda semelliante, depois do grego e do romano.

Um povo como o nosso que no auge da sua expansão mundial tinha apenas um milhão e

meio de habitantes, como poderia ser o povo grande que foi, e que é, se não tivesse nas mãos o fogo sagrado do amor á terra; se não tivesse nas mãos, as educadoras dos filhos, aquelas que lhes ensinaram as tradições heroicas da sua raça, aquelas que lhes cantaram no berço as canções da sua saudade, que lhes deram a sua fé, que lhes deram o seu orgulho, que lhes deram o seu amor?!

Filipa de Vilhena é em Portugal um simbolo, mas não é uma excepção. Se a historia mais levantou o nome dessa mãe admiravel, que preferia os filhos mortos a ve-los escravos, é porque a sua consagração representou, nessa hora tragica da vida portuguesa, a expressão mais nitida do caracter da mulher da nossa raça.

Nesta hora tambem de tremendas responsabilidades, nesta hora que nós queremos que seja o inicio dum futuro digno do passado, é ainda o sentimento maternal da mulher portuguesa o que desde a primeira hora de perigo se manifesta duma forma colectiva mais imperiosa e mais bela.

Quando surge a ansiada duvida do dia de amanhã é sempre para os filhos, é sempre para as crianças o primeiro pensamento da mulher portuguesa.

É' que ella bem sabe, que é nas crianças que está o futuro, a continuidade da nossa existencia, da nossa vida colectiva de povo, sempre livre e sempre heroico.

Cheia de abnegação, sempre sacrificada, muitas vezes esquecida, a mulher portuguesa não

deixou nunca de ser aquella fonte de vida, aquella força criadora que em si contem o futuro, a mãe fecunda que não conhecerá nunca o pavoroso remorso do filho unico, que a morte arrebatou no seu turbilhão de lagrimas e de lutos, deixando as egoistas torcidas de dor e apavoradas do seu proprio isolamento.

E como compensação de todo o seu affecto e de todos os sacrificios, tambem a Natureza lhes deu pelo amor dos filhos, um dominio tão grande, que em poucos povos a mulher o terá igual.

Quando o homem portuguez não tem já no coração mortificado e azedado pela vida, uma sombra sequer de piedade ou de amor, ainda reserva para a saudade da sua mãe um sorriso de carinhoso respeito.

Velhos, quantas vezes curtidos de trabalhos; velhos, que pequeninos abalaram da terra; velhos que a fortuna ajudou, ou que avaramente perseguiu em terra estranha, uma só ambição, um só desejo vi brilhar, muitas vezes, em seus olhos de exilados — ver a sua mãe!

E quantos, quantos não percorrem leguas e leguas, e não atravessam os mares, só com o sentido de ir ao tumulo de sua mãe chorar a saudade dos primeiros beijos recebidos.

E' que a mãe é a educadora, a mãe é a formadora do character e a transmissora das qualidades da raça; e a mulher portuguesa, mesmo quando é uma menina que da maternidade só tem o instinto, é sempre a mãe heroica que confunde na

mesma paixão exclusivista a terra amada da Pátria e os filhos que voluntariamente lhe sacrifica.

E' que—deixem-me ter este orgulho!—a mulher da nossa raça vale tanto, que apesar do pouco estímulo que a educação lhe tem dado, ella tem mostrado sempre, e o momento actual o confirma, um tão grande e tão desinteressado amor á Pátria, uma tal abnegação e intelligencia na hora do perigo, que o nosso povo nunca deixou de afirmar, ainda nas maiores crises, a sua heroica fé nos destinos de Portugal.

Ha poucos dias Guerra Junqueiro, o grande poeta, que é honra da raça latina, dizia a um grupo de senhoras, que o escutava religiosamente:—que em Portugal as mulheres valem mais do que os homens!—

E valem mais, não individualmente mas collectivamente; não pelo que esta ou aquella podem fazer de extraordinario, mas sim pelas qualidades emotivas da raça, qualidades que são mais femininas do que masculinas, abstraindo toda a preocupação sexual.

Assim, afirmando o grande poeta que Portugal é um país feminino, como é a França, a Italia e outros, principalmente os latinos, elle não quer dizer que sejam propriamente as mulheres que valem mais, mas que em todos os actos da nossa vida colectiva predomina o sentimento impulsivo e a generosidade espontanea na acção, seguida de pouca persistencia e pouca disciplina filosofica,

que se classificam de qualidades e defeitos femininos.

E serão talvez defeitos para quem admirar essa força bruta e disciplinada do espirito germanico, rodando sobre si mesmo como um rolo das estradas, sem deixar ao sentimento individual força para medrar e florescer entre as pedras da calçada, nem que fosse hervinha rasteira que entre a aridez do caminho nos desse um sorriso de vida espontanea.

Para nós não são defeitos, para os nossos olhos, para o nosso espirito e para o nosso coração só os consideramos qualidades, lindas qualidades estecticas que herdamos da nossa mãe a Grecia, a eterna belesa das atitudes moraes.

A mulher portuguesa, talvez mais do que nenhuma outra, tem conservado o amor á sua terra e o respeito á sua raça, só assim se explicando, que um país de tão deminuta população e tão forte corrente emigradora, consiga viver independente durante oito seculos de historia, na sua maior parte dispersiva, isto é, conquistadora e colonisadora.

Podemos dize-lo com orgulho: se Portugal existe, se vive e se levanta a cada novo embate do destino, com a mesma nobresa e o mesmo impulso generoso, que nos fez tão grande na Historia, é porque a mulher tem sempre guardado dentro do sacrario da sua alma, sem nunca o deixar apagar, embora ás vezes o veja bem esmorecido, o fogo sagrado do amor patrio, desse sentimento, que é um instinto, que é uma força, que é uma

razão constitucional da existencia humana, como um desdobramento do nosso proprio orgulho individual, orgulho que nos honra porque é a consciencia da propria força.

Quando um individuo perde esse orgulho que chamamos dignidade, não é mais do que um trapo humano, um misero ramo seco caído na corrente da vida, e que tanto pode ser um grande desgraçado como um grande criminoso.

Quando um povo perde a consciencia do seu destino colectivo, quando já não sente a honra de se dizer filho duma raça com direitos e com deveres a cumprir; quando não sacrifica os seus filhos por um palmo de terra dessa patria, que nos dá o sentimento individual e humano da posse, esse povo morreu na historia e morreu como os vadios anónimos que ninguem quer reconhecer na morgue, embora continue senhor de terras que o acaso lhe deixou nas mãos. Ao contrario, pode-se ter um grande sentimento da Patria que ligue e perpetue uma raça atravez de todos os desastres e todas as dores, sem possuir um palmo de terra constituido como nação. Desse facto é exemplo o povo judaico e essa pobre e dolorosa Polonia, lançando atravez das paginas da historia o grito de protesto, que hade ser ouvido muito breve.

A ideia da Patria é uma ideia exclusivista, seja mesmo, se o quizerem os humanitarios desenraizados, uma ideia egoista. Mas é por isso mesmo que ela é humana e indestrutivel.

E' por isso mesmo que é eterna e imortal, revigorando-se e brotando com uma energia e uma seiva cada vez mais pujante, a cada embate que na historia a ameaça.

A paz universal, a patria de todos, a fraternidade humana, todas essas abstrações do espirito, que enfraquecem perante a vida real os povos que as tomam para si, sempre em minha consciencia as considerei sonhos idealistas nuns e exploração em outros.

A Germania feroz no seu orgulho de dominio universal, caminhando como uma força impulsiva da Natureza, sem piedade, sem respeito pelos outros, apoderou-se desse sonho lindo dos humanitarios para fazer dele o veneno subtil, cultivado com todos os requintês do crime intellectual, para perturbar o clara raciocinio da raça latina, sempre apaixonada e sempre generosa.

Felizmente a mulher portuguesa, instinctiva como é no seu amor á terra e na defesa da raça, que tantas vezes lhe faz ver um inimigo em cada estrangeiro, resistiu energicamente á dissolvente campanha desnacionalisadora, que tambem nos ultimos anos chegou até nós.

E' que necessario foi desde o principio, que a mulher, esta palida e delicada mulher portuguesa, a quem a sorte confiou a mais linda e carinhosa terra do mundo, tivesse em si propria elementos tão fortes de nacionalisação, que estranhos se tornam portugueses ao contactò com o

ardor da sua fé e com o orgulho da sua nacionalidade.

E', pois, á mulher portuguesa e aos seus nobres sentimentos de mãe, que está agora confiada a missão grandiosa de preparar nas erianças de hoje a grande Patria, que será a nossa amanhã.

E grande, moralmente, a faremos, visto que tão grande é já em terras que se espalham pelo globo e que serão, valorisadas pelo nosso esforço de hoje, a riqueza desse futuro que preparamos, com lagrimas sim, mas tambem com fé e com orgulho, para honra do nosso sangue.

A assistencia infantil de ha muito devia estar entregue ao carinhoso interesse da mulher portuguesa, como nenhuma outra, talvez, com direito ao reconhecimento da historia da beneficencia, se pensarmos que fôram obra de mulheres as primeiras gafarias que se instituiram em Portugal; que foi obra duma grande mulher — e bem portuguesa pelo sangue e pelo amor — a fundação das misericordias, que até hoje teem vindo a prestar os seus serviços á humanidade sofredora; que foram ainda obra de mulheres as crèches, os lactarios, as cosinhas economicas e outras instituições, que dignificam em Portugal o nosso sexo e justificam o amor dos homens pelas mães admiraveis que todas são, aquellas mesmas que não teem filhos.

Chegou a hora da mulher portuguesa ser chamada ao cumprimento do seu dever. E quando essa hora chegou, não foi necessario chama-la; não foi preciso lembrar-lhe o seu dever, para ex-

pontaneamente se encarregar dessa maternidade ideal, que será a unica para muitas mulheres de amanhã.

O nosso país, exactamente porque foi o ultimo a entrar no conflicto pavoroso em que duas raças, com ideais e aspirações opostas se apertam e dilaceram num abraço mortal, tem o dever de caminhar com segurança, num campo que a triste experiencia dos outros já desbravou.

E' necessario que os soldados portuguezes, ao partirem para a defeza duma causa, que é a nossa, vão confiados em que os seus filhos e os seus irmãos terão em cada mulher da nossa raça a mãe carinhosa e forte, que fará deles novos soldados e novos combatentes pela honra da Patria.

E' urgente que se compreenda este momento historico, tão grande e tão honroso, aproveitando-o para trazer ás crianças portuguezas mais alegria e mais felicidade do que até hoje tem tido fóra da familia.

A França, surpreendida na sua paz laboriosa e serena, viu com horror nos primeiros dias de guerra a perturbação horrivel da vida infantil. Milhares de crianças, orfas de mãe de que os pais mobilizados eram o unico amparo; filhas de pobres que as não podiam sustentar sem o braço do homem, que tem as profissões mais rendosas; de todo abandonadas, outras, faziam ouvir o seu queixume doloroso por toda a parte e em especial nas terras abandonadas á bruta senha do germano invasor.

E da sua alma luminosa de latina, a França tirou a ideia linda da obra de assistencia ás crianças, as maiores vitimas da guerra.

Nessa região de luxo e de prazer, que se chama a Costa Azul, nesse apontoado de terras que a elegancia cosmopolita tornara o sonho dos felizes, em São João do Cabo Ferrat, em Cannes, em Nice, nessa esplendida Nice de fausto e de vaidade, está agora a obra de reconstituição da França, a obra amavel do futuro, nesse viveiro de encanto, que é a educação dos orfãos da guerra.

Os pequeninos com as suas amas, os maiores com as suas mães adoptivas e com as suas professoras, vivem em grupos, que são familias, preparando o coração para o amor do futuro. Quando ha tempo alguém se lembrou de perguntar ás mulheres francesas o que esperavam do dia triste de amanhã, em que a falta dos homens, mortos em defesa da Patria, lhes não deixa a esperanza duma familia propria, centenas délas se ergueram indignadas da pergunta, respondendo nobremente: —Seremos as mães dos orfãos da guerra!

Em Portugal, ainda não temos, por felicidade nossa, orfãos de guerra, mas temos já muitas crianças que a guerra torna pequeninos martires, roubando-lhes o pai, que é na maioria dos casos o sustento da familia.

E' para essas, é para os pequeninos que sofrem, que estamos trabalhando, esforçando-nos por lhes arranjarmos casas de educação, onde pos-

sam ao mesmo tempo ser felizes, numa atmosfera amovavel de familia que dulcifique essas pobres almas, que tantas vezes a vida torna aggressivas e revoltadas.

Hoje que o instinto da defesa nos reúne a todos no grande movimento patriótico, que está mobilizando o país inteiro, chamando a mulher ao cumprimento do alto dever cívico, que nesta hora lhe cabe, deve ser principalmente para as crianças que devemos todos olhar. Para as crianças, para estas pobres crianças portuguezas tão desnudas em sua nobreza, tão abandonadas na sua miseria!

E' ás mulheres, principalmente, que está nesta hora confiado o futuro da terra portuguesa. E' delas que a Patria espera os filhos que a hão-de honrar amanhã.

E a prova de que ela ha-de saber cumprir nesta hora o seu dever cívico, ei-lo ahí está nesse espontaneo e lindo movimento nacional, que se chamou, por feliz inspiração, a «Cruzada das mulheres portuguezas».

Cruzada que vem de cruz; e cruz que é o simbolo da força criadora da Natureza, impelindo para a felicidade e para o progresso toda a humana gente.

COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

N.º 2143

Data 11-2-81

Out.

220

“CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS”

- Pela quota de adesão, do mínimo de 1\$00, todos podem fazer parte desta benemerita agremiação.
- Fazer parte da «Cruzada das Mulheres Portuguesas» é amar a sua Pátria e trabalhar pelo seu futuro e pela sua honra.
- A «Comissão de Assistencia Infantil» deseja prestar aos filhos dos que defendem a Pátria os cuidados e a educação, que os pais lhes não podem dar. Para cumprir a sua grande missão necessita e espera o auxilio de todos, como aceita qualquer donativo: pouco que seja tudo ajuda a enxugar as lágrimas das mães e fazer refflorir o riso nas bocas infantis

Podem dirigir as suas ofertas á secretaria D. Maria Francisca Pereira de Eça — Quartel General — Palacio das Necessidades — Lisboa.

Tambem podem pedir informações á secretaria da Commissão de Propaganda, R. do Arco do Limoeiro, 47, 2.º — Lisboa.